

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira; XAVIER, Lucia Furquim Werneck (Org.). *As memórias de Krzysztof Arciszewski: um polonês a serviço das Índias Ocidentais no Brasil*. Recife: Cepe, 2022.

David Prado Machado

Professor Substituto de História da Arquitetura - PUC Minas

dpmarq@hotmail.com

Recebido: 27/09/2023

Aprovado: 20/02/2024

Bruno Miranda concluiu seu doutorado em História pela Universidade de Leiden em 2011. Lucia Xavier é doutora em Arqueologia (2018) pela mesma universidade. Os dois autores organizadores são especialistas em paleografia portuguesa e neerlandesa dos séculos XVI e XVII e fazem parte de uma nova geração de pesquisadores que, a partir dessa expertise, tem expandido o conhecimento a respeito da presença neerlandesa na América Portuguesa. O livro traz uma tradução inédita para o português das memórias de um militar polonês que teve notável participação como representante da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (conhecida mais comumente pela sigla WIC, referente ao seu nome em inglês *Dutch West India Company*), durante a ocupação holandesa na região. A historiografia contemporânea, entretanto, dedicou pouca atenção aos feitos do polonês, o que demonstra o pouco interesse dos historiadores por sua trajetória político/militar. Autores como Pieter Marinus Netscher, Hermann Wätjen, José Antônio Gonsalves de Mello, Charles Boxer, Evaldo Cabral de Mello, citam Arciszewski de forma rarefeita, sobretudo devido aos seus conflitos com o governador Nassau e, muito raramente, a respeito de suas atividades administrativas e suas ações estratégicas de cunho militar.

O livro foi estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Krzysztof Arciszewski: um polonês a serviço das Índias Ocidentais no Brasil (1629–1639)*, os autores constroem uma biografia do militar polonês e descrevem a atuação da WIC em uma região específica da América Portuguesa que correspondia às capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande e que, na primeira metade do século XVII, já se apresentavam como uma promissora área produtora de açúcar. Segundo os autores, Arciszewski nasceu e foi educado dentro da doutrina

do arianismo, que proibia a seus seguidores o engajamento em guerras e outros atos de violência. Em contradição à sua formação, Arciszewski, ainda no início de sua juventude durante a década de 1620, se envolveu no ofício da guerra em diferentes regiões europeias como Polônia, Países Baixos e França, até ser contratado, em fins de 1629, pela Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais (WIC).

Ainda na primeira parte, os autores relatam a permanência de Arciszewski no Brasil, entre 1630 e 1637, como comandante de tropas da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, tendo retornado temporariamente para os Países Baixos entre 1633 e 1634. Seu retorno definitivo aconteceu poucos meses após a chegada de Maurício de Nassau, o novo governador geral contratado pela WIC, ao lado de quem lutou contra os luso-espanhóis no sul de Pernambuco. Especula-se que o polonês teria ficado decepcionado por não ter sido indicado como Governador Geral em 1636. Em decorrência da incompletude das fontes, drama que costuma assombrar os historiadores, não foi possível avançar nas argumentações acerca dessa relação conflituosa com Nassau. Entretanto, antes de partir para a Europa, Arciszewski teria recebido uma ordem expressa do novo governador geral para elaborar um relato a respeito da real situação da presença neerlandesa no Brasil.

Segundo os autores, o texto do polonês não apresenta uma estrutura linear, mas se assemelha à uma colagem de episódios e experiências vividas a serviço da WIC. O próprio Arciszewski se refere ao seu trabalho como “escrito”, assim como “memórias” - na verdade, memórias sobre a administração holandesa em território português – gênero textual caracterizado pela narração de fatos da memória e que documentam experiências vividas por um certo indivíduo. Em vários momentos, os relatos se transformam em críticas bastante ácidas em relação às estratégias administrativas e, principalmente, militares adotadas pelos holandeses da companhia. Arciszewski aponta como origem dos problemas a má qualificação dos funcionários e, sobretudo, a organização fragmentada de um conselho político que estava à frente da WIC, responsável por decisões equivocadas e, não raramente, voltadas para interesses pessoais.

No primeiro capítulo, os autores analisaram, à parte das transcrições de Arciszewski, a ausência de destaque para os feitos desse militar polonês. A essa rarefeita bibliografia, somam-se as fontes primárias, que incluíram documentos provenientes do Arquivo Nacional da Haia, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Coleção da Velha Companhia das Índias Ocidentais, assim como publicações da época, como o livro de Gaspar Barléu e de Johannes De Laet.

O segundo capítulo apresenta o texto original de Arciszewski, formalmente endereçado ao Conde Maurício de Nassau, que contém um panorama geral da atuação da WIC no período 1630-1637 e a conflituosa relação entre dirigentes e subordinados. Nos primeiros parágrafos do texto, o autor já demonstra a sua indignação e frustração relativas à experiência vivida em terras brasileiras atribuídas, em grande parte, à negligência dos Senhores Diretores da WIC. Para Arciszewski, esses indivíduos, assim como aqueles indicados pela companhia para compor o Conselho Político e Militar da empresa teriam sido os grandes responsáveis pelo atraso das ações contra o inimigo e o sucesso extremamente lento da implantação de um governo holandês em terras tropicais. A soldadesca, mal paga, mal alimentada, maltratada e ofendida, tanto por seus superiores no Brasil quanto pelas autoridades da WIC na Holanda demonstravam, cotidianamente, descontentamento, ódio e desprezo por seus superiores.

Após a introdução, na qual Arciszewski apresenta as problemáticas ações holandesas, segue-se o restante do texto dividido em três partes. A primeira parte retrata as omissões e transgressões da administração holandesa, assim como as lacunas existentes nas estratégias militares adotadas pelos holandeses. Na segunda parte, Arciszewski relata, em tom de denúncia, os delitos e o enriquecimento ilícito dos funcionários da WIC. Na terceira parte, o polonês identifica como os problemas detectados nas duas primeiras partes afetaram a administração no Brasil e que culminou com a derrocada da presença holandesa na América Portuguesa.

A primeira parte demonstra, através das lentes de Arciszewski, a pobreza e a fragilidade das estratégias militares adotadas pelos holandeses. Detentor de sólida formação militar na Europa, ele discordava de forma veemente o modo como as ações militares foram conduzidas, provocando o desperdício de dinheiro, mão de obra e tempo. Para um militar de sua categoria, uma operação em terra estrangeira e com esse nível de complexidade não admitia tamanha desfaçatez. Um exemplo notável desses desmandos foi a construção desnecessária de fortificações. Arciszewski faz severas críticas aos fortes e redutos que foram construídos nos arredores do Recife e que não ofereciam a menor serventia para a defesa da terra, ao passo em que as grandes fortificações erguidas pelos espanhóis, como o Castelo do Mar e o Castelo da Terra São Jorge ainda se encontravam parcialmente arruinados sem que nenhuma providência fosse tomada.

No decorrer da primeira parte, Arciszewski aponta os engenhos de açúcar como pontos de apoio que funcionavam como verdadeiras balizas durante o deslocamento das tropas.

Forneciam pouso, água, comida e até mesmo vestimentas para os soldados da companhia. Arciszewski finaliza a primeira parte de seu texto relatando as incursões pela costa, as tentativas fracassadas e vitoriosas contra o inimigo e, principalmente, as dificuldades enfrentadas durante a marcha para o combate. Em vários momentos, o leitor encontra numerosas descrições dos momentos mais dramáticos das práticas cotidianas dos soldados, da escassez de víveres e da péssima comunicação com a matriz holandesa. Arciszewski encerra a primeira parte citando Júlio César, quando o célebre imperador romano disse que o exército não deveria passar fome nem frio.

Na segunda parte, Arciszewski relata os principais delitos cometidos tanto pelo alto comando da companhia na Holanda quanto pelos súditos do outro lado do Atlântico. Uma das questões mais polêmicas seriam as prestações de contas de funcionários da WIC. Muitos retornavam para a Europa sem, contudo, fazer os devidos esclarecimentos relativos a valores e mercadorias apreendidos do inimigo. O açúcar, certamente, seria um dos produtos mais cobiçados, não apenas pelo seu alto valor econômico, mas por ser um produto fácil de ser desviado e capaz de conduzir um indivíduo da falência à fortuna em pouquíssimo tempo e sem que a administração da companhia tomasse conhecimento desse desvio. A apreensão de animais, armazéns de mercadorias, peças em ouro, e prata, além das joias, também faziam parte do rol dos descaminhos das prestações de contas. O comércio ilegal, tanto do pau-brasil quanto o de negros, também chamou a atenção do autor, que percebia nessas ações, uma estratégia dos conselheiros instalados na terra em ampliar seus ganhos e melhorar a condição de vida, construindo casas cada vez mais suntuosas e adotando modos de viver cada vez mais complexos.

Na terceira parte do texto, Arciszewski relata os prejuízos que a ambição desmedida causou tanto à soldadesca, vítima do descaso, quanto à administração da companhia, vítima dos desvios financeiros. O desfecho da trajetória de Arciszewski no Brasil aconteceria em função de um relatório apresentado aos Senhores Conselheiros da Companhia das Índias Ocidentais no qual constava uma lista das possíveis minas de prata existentes naquela região. Assim que os conselheiros tomaram conhecimento de tal riqueza, imediatamente deliberaram pelo retorno imediato de Arciszewski para a Europa e entregaram a empreitada das minas de prata para outro funcionário da WIC.

O livro de memórias de Arciszewski é uma grande contribuição para o estudo da América Portuguesa, no período em que parte da região açucareira estava sob domínio holandês e era

controlada pela Companhia das Índias Ocidentais. Essa companhia, possivelmente uma das primeiras megacorporações da história, alcançou admiráveis desdobramentos no mundo moderno, sobretudo acerca das estratégias administrativas, comerciais e militares. O livro de memórias de Arciszewski se torna especialmente significativo por se tratar de um relato sobre um momento pouco investigado da história da ocupação holandesa e que corresponde ao período da conquista (1630-1636). As dificuldades enfrentadas pela WIC no sentido de organizar uma administração eficiente em terras tropicais se tornaram fontes fundamentais para o entendimento do fracasso e da conseqüente expulsão dos holandeses do território, cujo controle já havia retornado para as mãos dos portugueses desde 1640, após o fim da União Ibérica. Nesse sentido se sedimenta o inestimável valor historiográfico dessa obra que, além de seu ineditismo enquanto parte de um restrito conjunto de relatos pessoais sobre o Brasil holandês, traz narrativas preciosas acerca do cotidiano holandês da primeira metade do século XVII.

Referências bibliográficas

MIRANDA, Bruno Romero Ferreira; XAVIER, Lucia Furquim Werneck (Org.). **As memórias de Krzysztof Arciszewski: um polonês a serviço das Índias Ocidentais no Brasil**. Recife: Cepe, 2022.